

**DARCY AZAMBUJA:
UMA ANÁLISE SOBRE ASPECTOS REGIONALISTAS
NOS CONTOS “FOGO GAÚCHO”, “CONTRABANDO”
E “VELHOS TEMPOS”, NA OBRA *NO GALPÃO***

Letícia Lazzari (UCS)
letilazzari@hotmail.com

RESUMO

No presente trabalho, propõe-se uma reflexão sobre como o espaço ficcional, enredo e as personagens dos três contos analisados (*Fogão gaúcho*, *Contrabando* e *Velhos tempos*, de Darcy Azambuja) articulam-se com conceitos das áreas literária e cultural, como: região cultural, descrição colorista local, lealdade/*loyalidade*, literatura sobre terra natal, transformação de região em pátria, entre outros. O intuito é contribuir para os estudos desenvolvidos nas diferentes áreas do conhecimento humano.

Palavras-chave: Darcy Azambuja. Literatura brasileira. Regionalismo.

1. Introdução

O presente artigo visa a analisar o espaço ficcional, o enredo e as personagens de três contos de Darcy Azambuja com vistas à caracterização da obra *No Galpão* como regionalista.⁹⁰ A base teórica centra-se nas noções de literatura regional e regionalista, entre outros aspectos. Assim, o presente trabalho se fundamenta principalmente nos textos de Arendt (2010, 2012), Barcia (2004) e Mecklenburg (2013), com o intuito de abordar os conceitos referentes à região cultural, lealdade/*loyalidade*, literatura sobre terra natal, transformação de região em pátria; entre outros.

2. Sobre Azambuja e a obra *No Galpão*

Darcy Pereira Azambuja nasceu em Encruzilhada do Sul, Rio Grande do Sul, em 26 de agosto de 1903 e faleceu em Porto Alegre, em 14 de março de 1970. Segundo texto extraído do livro *Entrevero* (1984, p. 41), aos 24 anos, Azambuja consagrou-se com seu primeiro livro, *No*

⁹⁰ A motivação para a produção do presente artigo surgiu durante a disciplina “Literatura e Regionalidade no Sistema Literário Brasileiro”, ministrada pelo Prof. Dr. João Claudio Arendt, no Programa de Pós-Graduação em Letras, Cultura e Regionalidade (Mestrado) na Universidade de Caxias do Sul, no primeiro semestre letivo de 2014.

Galpão. Sua estreia, em 1925, obteve o reconhecimento da Academia Brasileira de Letras, mereceu a melhor crítica e recebeu o favor público.

Ainda conforme o mesmo texto, por um longo período de tempo, Azambuja deixou de fazer literatura para dedicar-se ao magistério superior e à administração pública. Chegou a catedrático da Faculdade de Direito de Porto Alegre e a secretário do Interior e Justiça do governo do Rio Grande do Sul. Darcy Azambuja é descrito como “católico, político, literato e jurista, professor [...] da Faculdade de Direito de Porto Alegre.” (ENGELMANN, 2004, p. 106). Já sobre sua carreira na administração pública, Engelman (2004) especifica sua trajetória:

Azambuja forma-se em direito em 1927 e ingressa como professor em 1932. Exerce a função de inspetor escolar desde 1925 e, em 1927, imediatamente após formado, é nomeado promotor público em Porto Alegre. Ocupa cargos de secretaria na faculdade de direito e ascende ao governo com o grupo de Getúlio Vargas. (ENGELMANN, 2004, p. 106).

E prossegue, mencionando algumas de suas atividades durante o período seguinte:

Em 1930, assume o cargo de oficial de gabinete do interventor federal no estado, posteriormente de Procurador-geral e secretário do Interior. Paralelamente à ocupação de postos públicos e na Faculdade de Direito de Porto Alegre, é também professor da Faculdade de Filosofia da UFRGS e de Letras da PUCRS ao longo da década de 40. (ENGELMANN, 2004, p. 106)

Azambuja ostentou também diversos títulos, ainda conforme Engelman (2004), como membro do Instituto Histórico e Geográfico, da Academia Rio-grandense de Letras, e da OAB.

Dentre as obras produzidas por Azambuja, destaco aqui algumas ficcionais: *No Galpão*: contos gauchescos (1925), *Contos Rio-grandenses* (1928), *Prodigiosa Aventura e Outras Histórias Possíveis* (1939), *Romance Antigo* (1940) e *Coxilhas*: contos (1956). Entretanto, Azambuja também produziu obras de cunho político, como *Assistência Social* (1929), *A Racionalização da Democracia* (1933), *Pela Democracia* (1936), *Teoria Geral do Estado* (1942), *Decadência e Grandeza da Democracia* (1945) e *Introdução à Ciência Política* (1969), entre outras.

A obra *No Galpão* foi publicada em 1925, é composta por 16 contos ambientados no Rio Grande do Sul e fornece uma lista de parte do vocabulário utilizado, para eventuais consultas dos leitores. Consta no prefácio da sétima edição,

No Galpão obteve para Darcy Azambuja, em 1925, o primeiro prêmio de contos, instituído pela Academia Brasileira de Letras. A láurea acadêmica e a

entusiástica acolhida da crítica já consagraram definitivamente o autor e esta obra – apontada entre as coisas mais significativas já escritas sobre o Rio Grande. (1955).

Após 31 anos de sua estreia, o autor voltou a publicar um novo livro de contos regionalistas: *Coxilhas*, em 1956. Darcy Azambuja é considerado o legítimo sucessor de Simões Lopes Neto.

3. Análise das regionalidades presentes em três contos de *No Galpão*

No presente artigo, três contos são analisados dentre os dezesseis presentes na obra *No Galpão*. São eles: *Fogão gaúcho*, *Contrabando e Velhos tempos*. A análise é realizada a partir da aplicação de conceitos propostos pelos autores Arendt (2010, 2012), Barcia (2004), Campbell (2013) e Mecklenburg (2013).

3.1. Sobre colorismo local, regionalidades e discurso laudatório

Em suma, o colorismo local consiste em uma corrente que emergiu durante o realismo na América do Norte, na qual os textos que ali se enquadram exibem uma representação das peculiaridades locais. Logo, uma relação pode ser estabelecida entre o colorismo local e as regionalidades, que são, conforme Arendt (2012), "especificidades que integram e constituem uma paisagem natural" (ARENDR, 2012, p. 90). Além disso, as regionalidades contribuem para a formação de identidades, conforme Arendt (2012). Assim, podemos concluir que o colorismo local representa e, por vezes, descreve regionalidades.

Nos contos analisados, o narrador faz uso de descrições minuciosas, fato que pode ser relacionado com a corrente do colorismo local. De forma geral, este foi o aspecto de maior destaque e recorrência observado nos contos durante a leitura.

Portanto, torna-se relevante considerarmos o conceito de literatura colorista local segundo Campbell (2013):

Literatura colorista local consiste em ficção ou poesia que possui como foco as personagens, o dialeto, os costumes, a topografia e outros elementos particulares de uma região específica [...]. As histórias coloristas locais tendem a se preocupar mais com o distrito ou região do que com o indivíduo.

(CAMPBELL, 2013, s. p.)⁹¹.

Ainda conforme Campbell (2013), por vezes, os indivíduos podem ser descritos de forma estereotipada. Em concordância, Barcia (2004) também discorre sobre o assunto em questão, afirmando que, dentre os traços que podem caracterizar a literatura regionalista, a questão da cor local coloca-se como uma limitação: “*Enunciamos las limitaciones que suele padecer la literatura regionalista: 1. Se ata a una estética de base romántica apoyada en el color local. 2. Tiende ao exhibicionismo colorista y al pintoresquismo. [...]*”⁹² (BARCIA, 2004, p. 41-42).

Linguagem de época é utilizada por Azambuja (1955) ao longo da obra, marcada por expressões regionalistas. Logo, uma lista de vocabulário é disponibilizada ao final da obra, conforme os exemplos que seguem:

Abichornado = Aborrecido, triste. (1955, p. 119)

Andarengo = Errante, caminhador, andejo. (1955, p. 119)

Cosquilhoso = Arisco, desconfiado. (1955, p. 221)

Encarapitado = Amontado, superposto. (1955, p. 221)

Mangangava = Espécie de vespa. (1955, p. 223)

A lista de vocabulário fornecida por Azambuja (1955) pode ser entendida como uma tentativa de facilitar a compreensão do leitor em relação às expressões contidas em sua obra e reforça a ideia de que a narrativa gira em torno de questões regionais, marcadas pela escolha do léxico empregado.

O narrador, além disso, faz uso de discurso laudatório ao longo dos contos analisados, principalmente em *Contrabando* (conforme analisaremos na seção 3.3). Conforme Barcia (2004), o tom laudatório seria uma particularidade da literatura regionalista, uma vez que esta exaltaria as qualidades da região: “*El regionalismo literário o la literatura regionalista suponen un grado de exasperación, un acentuar, por el sufijo, lo*

⁹¹ Tradução nossa: “*Local color or regional literature is fiction and poetry that focuses on the characters, dialect, customs, topography, and other features particular to a specific region. [...] Local color stories tend to be concerned with the character of the district or region rather than with the individual: characters may become character types, sometimes quaint or stereotypical*”.

⁹² Tradução nossa: “*Enunciamos as limitações que pode padecer a literatura regionalista: 1. Se prende a uma estética de base romântica apoiada na cor local. 2. Tende ao exhibicionismo colorista e ao pitoresco*”.

regional⁹³ (BARCIA, 2004, p. 39). Além disso, Barcia (2004, p. 39) discorre sobre a acepção melhorativa, a qual relaciona-se à literatura regionalista: “*Meiorativo: significa que com él se exalta ponderativamente lo regional. [...] Es una forma de afirmación de la identidad de la región, de la lealtad a la propia sustancia*”⁹⁴.

A seguir, serão observados nas análises dos contos, principalmente, como o colorismo local, as regionalidades e o discurso laudatório articulam-se com os três contos de Darcy Azambuja.

3.2. Análise do conto: “Fogão Gaúcho”

Em relação ao espaço ficcional, o narrador não fornece como referência uma cidade ou região específica, mas sim afirma que o conto situa-se nas 'Coxilhas'. De modo geral, Azambuja (1955) descreve o ambiente detalhadamente em seus três contos. A seguinte citação é representativa, uma vez que ilustra uma dentre tais descrições:

Pelas coxilhas corria o vento frio de agosto. O fogo branco das estrelas pontilhava o céu todo negro, e o cruzeiro, luzindo muito, subia na sua viagem sem fim. Longe, acima dos cerros escuros, a luz tinha aparecido. Na ponta da sanga, o açude espraiava a água fria, onde cintilavam, aqui e ali, brilhos furtivos, como de estrelas que tivessem caído. (AZAMBUJA, 1955, p. 11).

O conto se passa na varanda e no galpão; e o narrador realiza a descrição do ambiente, dos animais, das casas etc. Quanto ao enredo, a personagem da velha Silvina contava estorinhas para três crianças na varanda, e então o narrador descreve as fábulas do Graxaim e do Gambá, e da princesa e príncipe, permeando a narração de Silvina com alguns trechos de diálogos entre as personagens.

Já no galpão, “os peões também (*sic*), mateando, contavam os rudes casos. Ora da vida campeira, das marcações ao pó e ao sol dos dias quentes, dos rodeios pelas madrugadas frescas, de estouros de tropas, trabalhos e perigos; ora casos de amor, de guerras, de entreveros” (AZAMBUJA, 1955, p. 18).

⁹³ Tradução nossa: “O regionalismo literário ou a literatura regionalista supõem um grau de exasperação, um acentuar, pelo sufixo, o regional”.

⁹⁴ Tradução nossa: “Melhorativo: significa que com ele se exalta ponderativamente o regional. [...] É uma forma de afirmação da identidade da região, da lealdade à própria substância”.

Depois, aos poucos, as pessoas recolheram-se para dormir e as luzes foram se apagando, conforme o autor descreve:

Sobre o campo, então, caiu o silêncio também, e a noite foi caminhando, fria, cheia da luz serena da lua e do brilho das estrelas. O vento parou. A geada enfarinhava o capim e os moirões dos aramados. Na ponta escura da sanga o açude espriava a água quieta, que a lua fizera de prata e, num fio de prata, corria sobre a taipa em longo murmúrio. (AZAMBUJA, 1955, p. 21).

A descrição anteriormente citada, que encerra o conto, pode ser caracterizada como colorista local, devido ao grande detalhamento das características relacionadas à paisagem. Na próxima seção haverá um aprofundamento no que tange a corrente do colorismo local.

3.3. Análise do conto “Contrabando”

No presente conto, o espaço ficcional é descrito com a expressão 'travessia arriscada': “Marchavam em fila indiana. Na frente ia o Fidêncio Lopes, o maioral do negócio. Dirigia do pescante a travessia arriscada, com tino e segurança de velho boleiro de diligência, que fôra, batendo, anos, a mesma estrada.” (AZAMBUJA, 1955, p. 25).

Quanto ao enredo, o narrador discorre sobre como era realizado o contrabando de mercadorias. Fidêncio Lopes, “o maioral do negócio”, ia na frente, logo atrás, o Zeca e o Osório, em seguida, os cargueiros (a carga protegida entre eles) e, por fim, o Bento e o castelhano Negrito fechavam a marcha, cuidando pelos fundos. “E como quarteador, para garantir nos reprechos, a umas cinquenta braças na frente, ia o Chiru – novilho de aspa fina, como dizia o Fidêncio, para bombear o caminho.” (AZAMBUJA, 1955, p. 25).

Bem como ocorre nos demais contos, em “Contrabando”, o uso de descrição colorista local se faz presente, sendo descritos o ambiente, o clima e toda a situação da travessia em minúcias. Quanto às personagens, Fidêncio Lopes é caracterizado como um experiente “cruzador clandestino das fronteiras”, levando aos negociantes da vila sedas, joias, e armas.

Mas o comandante da guarda aduaneira, que de há muito lhe seguia os passos fugidios, esperava desta vez seguramente apreender-lhe o negócio. Fidêncio sabia disso e era, pois, uma questão de honra profissional o enredar o rasto ao fisco e chegar a salvo. – Ultimamente pra que serve o quarenta e quatro? – arrematava disposto, antevendo escaramuça quente. (AZAMBUJA, 1955, p. 26).

Tudo corria bem durante a travessia, até que chegaram em uma zona perigosa. E então, o narrador discorre sobre a personagem Chiru e sua importantíssima função:

De dentro da treva podia a cada momento, surgir, de abrupto, a guarda que velava. Desafeita e confundida na noite opaca, a emboscada podia atalhar, estrepando de chofre numa arrancada, atacando à queima-roupa. Por isso, na frente, distanciado da coluna, ia o Chiru, de bombeiro. Nele e na sua perspicácia e sangue frio, estava a segurança de todos. Era simples, mas arriscadíssima a incumbência. Não tinha mais que, ao pressentir a guarda, avisar os companheiros. Se ao perceber o perigo já não pudesse voltar, preveni-los-ia com um tiro, e depois cuidasse da vida... Era posto que demandava coragem e dedicação. Todos, porém, confiavam no Chiru, que, mesmo a custo da vida, não os deixaria cair despercebidos sob as carabinas da guarda. (AZAMBUJA, 1955, p. 28-29).

Entretanto, não apenas Chiru era pessoa de extrema coragem. No momento em que o narrador refere-se a todo o grupo, o tom laudatório é explícito, uma vez que a “bravura da raça gaúcha” é ressaltada:

Entre a vida e a morte aproximadas na expectativa dos recontros, passavam calmos, quase indiferentes, derivando para aquele comércio perigosíssimo a bravura e o estoicismo da raça, vindos de longe, do passado guerreiro, aceso outrora nas lutas que haviam feito vibrar o imenso arco da fronteira, distenso do Iguazu ao Chuí, nos vaivéns incertos das guerras e revoluções. (AZAMBUJA, 1955, p. 29).

Portanto, conforme exposto na seção 3.1, a ocorrência do discurso laudatório que, aqui, exalta as qualidades dos gaúchos cruzadores das fronteiras, é perceptível no conto em questão.

Já em relação à personagem, Chiru é descrito como “índiozinho de confiança, aquele! Ia certo e vivo no rumo da querência”. (AZAMBUJA, 1955, p. 31). E sua grandiosa habilidade e lealdade pelo patrão também é destacada:

Com efeito, o Chiru ia na frente, no tranco do picaço, furando com os olhos a treva cinzento-negro da madrugada de névoa, orgulhoso daquele posto de honra que lhe dera o patrão. Era, apesar de muito moço, a confiança do velho Fidêncio. Morrera-lhe o pai o ano atrasado, e ele passou a ser o capataz, o faz-tudo da fazendola da Limeira, onde o dono quase não parava. Deixara o rancho com a mãe e instalara-se definitivamente na casa do patrão, tomando a si todo serviço. (AZAMBUJA, 1955, p. 31).

Fidêncio o estimava muito, pois foi o pai de Chiru que lhe salvou a vida durante a revolução; agora, como o pai estava morto, transferiu a gratidão e amizade ao filho. Entretanto, enquanto Chiru refletia sobre sua vida e lembrava de sua amada Larica, a qual também é descrita romântica e extensivamente, um ruído de metais à frente quebrou o silêncio:

Puxou a pistola para frente e foi seguindo, de ouvido atento, os olhos muito abertos para absorver a luz escassa da noite nas pupilas dilatadas. Nada percebeu, no entanto, e foi avançando. [...] Cresceu-lhe à direita o vulto negro de uma rebolreira de arbustos, e não a passara ainda, quando uma voz grossa e seca intimou: – Faça alto, amigo!

E bem junto, como nascendo da treva, vultos de cavaleiros cercaram-no. [...] – Não se mexa e diga quem é.

A hesitação foi rápida; aquela voz restituiu-lhe a calma. Num segundo lembrou os companheiros que se aproximavam do perigo sem suspeitar. Tinha que preveni-los. Viu o cano do revólver do guarda apontando-o. Talvez morresse, mas tinha que preveni-los. Foi levantando a mão direita devagar, colada ao corpo; encontrou o cinto, apertou a coronha da pistola, o indicador tateou o gatilho. – Fale, amigo, se não...

Torceu o cano para o lado e premiu o dedo. Uma linguazinha de chama relampejou, chamuscando-lhe os pelegos. O guarda, supondo-se alvejado, atirou também. (AZAMBUJA, 1955, p. 33-34).

Foi o suficiente para prevenir seus companheiros. O Zeca e o Osório, com os cargueiros, fizeram a volta pelo lado e passaram despercebidos, longe do perigo e certos no destino. Fidêncio e os demais envolveram-se no tiroteio que ocorria. A narração final evidencia Chiru como herói, que morreu pelo seu patrão:

Arrastado pelo cavalo, Chiru ficara estendido num alto, os braços abertos e o rosto voltado para o céu. O primeiro raio de sol, tangenciando a lombada das coxilhas adormecidas, veio incidir-lhe na face, onde coagulara um fio de sangue. Banhado naquela luz tépida, o gaúcho parecia apenas dormir, tão sereno tinha o rosto e tanto, para aquela alma nobre, era simples a lealdade e até mesmo a morte. (AZAMBUJA, 1955, p. 35).

Há uma relação de *loyalidade* que parte de Azambuja ao Rio Grande do Sul [grifo meu], uma vez que, segundo Arendt (2012), “*Loyalidade* implica [...] uma atitude de lealdade de uma pessoa para com uma empresa” (ARENDR, 2012, p. 93). Entretanto, “o conceito de *loyalidade* pode ser igualmente empregado para medir o nível de identificação de pessoas com uma região”. (ARENDR, 2012, p. 93). Além disso, o autor esclarece que

em todas as formas de regionalidade regionalista residem traços marcantes de *loyalidade*. E não é outro propósito das manifestações regionalistas, senão explicitar um sentimento de “lealdade” a uma história e a um modo de ser regionais. Em outros termos, significa assumir um caráter de respeito e fidelidade a princípios e regras que norteiam o comportamento de um grupo social. (ARENDR, 2012, p. 93).

Assim, conforme a citação anterior, pode-se concluir também que há uma relação recíproca de *lealdade* entre as personagens Chiru e Fidêncio.

3.4. Análise do conto “Velhos Tempos”

Em relação ao espaço ficcional, o conto ocorre no vilarejo onde o velho Severo vivia desde seu nascimento, incluindo o casarão da estância de sua família, berço de gerações, o qual foi demolido para, em seu lugar, construírem a Granja Nova. Quanto ao enredo, o conto inicia com a partida despercebida de Severo, transbordando saudade dos velhos tempos e melancolia. Ele não se conforma com a tão profunda mudança das coisas e costumes do passado: “Uma atordoadora invasão de novidades desfigurava tudo” (AZAMBUJA, 1955, p. 82).

A personagem coloca-se em conflito com a modernização e é conservadora, uma vez que deseja profundamente que tudo pudesse voltar a ser como era no passado. Por isso, neste momento, é fundamental mencionar um importante conceito, no intuito de auxiliar na compreensão: “A saudade e as vivências pessoais tomam, em suma, a forma de um cordão umbilical que reconecta o escritor ao espaço narrativo da sua obra.” (ARENDRT, 2010, p. 189).

Assim, o narrador descreve melancólica e dramaticamente o ponto de vista de Severo em relação à modernidade:

Aquela invasão de máquinas, sobretudo, doía-lhe profundamente. À beira do arroio, dia e noite chiavam os locomóveis, captando água para os arrozais. E a água límpida, sugada pelos tubos negros e premida violentamente para as calhas, espirrava pelas fissuras, querendo libertar-se, e parecia chorar. (AZAMBUJA, 1955, p. 83).

Além de Azambuja descrever minuciosamente a natureza durante seus contos, é perceptível, especialmente no conto *Velhos Tempos*, que a personagem de Severo assume um discurso ecológico, o qual se relaciona com a literatura sobre terra natal (que, em alemão, é sinônimo de *literatura regionalista*):

A Literatura Sobre Terra Natal ecológica denuncia as intervenções cometidas contra a natureza, a paisagem, o meio ambiente, seja o incêndio de uma sebe [...] ou o desaparecimento de uma aldeia inteira por causa da construção de uma represa. (MECKLENBURG, 2013, p. 193).

A citação anterior ilustra uma situação crucial ao desenvolvimento do conto *Velhos Tempos*, que consiste na destruição do casarão para a

construção da Granja Nova. O narrador revela o ponto de vista de Severo em relação ao fato do seguinte modo:

O velho casarão da estância, berço de gerações, que ele amava como um pedaço de si mesmo, tinha sido demolido e sobre os seus alicerces erguera-se a Granja Nova. Via-lhe de longe as telhas francesas, as cúpulas, as torrezinhas pontiagudas, tudo tão leve, tão diferente da antiga. (AZAMBUJA, 1955, p. 83).

Posteriormente, o narrador descreve como Severo não reconhecia mais o seu lugar devido àquelas mudanças. Segundo ele, as pessoas também haviam mudado, passeando em carros, e as garotas andavam a cavalo, vestidas como homens. Severo conclui que tudo havia mudado, menos ele, que ali ficou sofrendo a morte dos seus pagos, quase que em completo isolamento. Sua única alegria era lembrar, e assim, reviver, seu passado de lutas e guerras. Porém, no momento de sua partida, lembrou o quanto foi difícil tomar tal decisão:

Sem família, os velhos patrões e amigos todos mortos, ninguém reparou a saída de um peão, entre tantos que entravam e saíam. [...] No outro dia, calculando o tempo até o primeiro pouso, na venda do Floripó, à meia-tarde, partiu, entre a indiferença de todos, do lugar em que trabalhara setenta anos. A menos de uma légua, naquele alto, tinha parado, para uma última despedida à doce terra que deixava. (AZAMBUJA, 1955, p. 86).

No trecho anterior, é perceptível o tom nostálgico e saudosista de Severo sobre sua terra natal. Portanto, neste momento, faz-se relevante observarmos as contribuições de Mecklenburg (2013) sobre o assunto:

Terra natal é sempre a terra natal de uma pessoa ou de um grupo. Portanto, o conceito não define um objeto concreto, mas algo subjetivo: um tipo específico de relação que pessoas cultivam com lugares, espaços, regiões, justificando-se frequentemente as dimensões espacial e social, pois a relação com uma terra natal é relação com um espaço social. Quem fala de terra natal quase sempre se refere à própria ligação com um local [...]. (MECKLENBURG, 2013, p. 174).

Severo, inclusive, sofria alucinações enquanto relembrava aquele mundo conturbado, porém melhor do que sua vida pacata do momento presente. Entretanto, um ano depois, “o pampa convulsionava-se em mais uma guerra civil. A comoção empolgou, repetindo fielmente as fases de desdobramento das lutas anteriores.” (AZAMBUJA, 1955, p. 88). Os homens mobilizavam-se, os sítios eram abandonados, e todos envolviam-se como no tempo em que ocorriam as invasões.

O narrador ressalta que a gauchada reunida mateava, conversava *despreocupada*, “rapidamente reidentificada à vida tumultuária de outro-

ra, atando mais um elo à cadeia de lutas que se fizera tradição da raça.” (AZAMBUJA, 1955, p. 91). É interessante refletir sobre a maneira como a “raça” gaúcha é representada, tão corajosa e brava que nem parecia estarem se preparando para a guerra.

E então, durante a guerra atual, as memórias de Severo tornavam-se realidade, trazendo-lhe de volta a alegria e o sentido de viver. Porém, ao final do conto, a personagem de Severo foi atingida:

E morrendo, numa última visão, sintetizou os pagos todos, vendo-os como os vira outrora, há muitos anos: tudo aberto, escampo, e o solar feito baluarte estrondejante de descargas em meio à campanha em guerra... E o duro lutar ainda murmurou: – Agora sim...

Agora sim, os seus pagos tinham revivido. E pendeu a cabeça, os olhos já vidrados, consolado em morrer pela vida que voltava. (AZAMBUJA, 1955, p. 94).

Por fim, Severo morreu feliz, pois, conforme a citação anterior ilustra, foi válida a última tentativa de lutar pela sua terra natal.

4. Considerações finais:

Transformação de região em pátria na obra No Galpão

Conclui-se, amparada pela contribuição de Arendt (2012), que há uma relação de afetividade entre os indivíduos e a região para que ela se torne uma região cultural. “Em suma, regiões culturais não existem por capricho do acaso. Elas são produto (e também propulsoras) do trabalho humano de delimitar e significar espaços sociais. Regiões surgem da inte(g)ração, harmoniosa ou não, entre indivíduos e grupos”. (ARENDDT, 2012, p. 96). Logo, uma região transforma-se em pátria devido à relação afetiva/sentimental atribuída a ela pelos indivíduos. Assim, é de grande relevância as contribuições do autor, no presente momento:

Se, inicialmente, o território nacional é tomado como ícone maior da pátria, demandando exaltadas declarações de amor, abnegação e sacrifícios de toda a ordem, num segundo momento, é a província e/ou o estado, recorte territorial em escala um pouco menor, que se transforma em objeto de adoração de “a(u)tores”; e, finalmente, dentro da lógica até aqui proposta, o território regional assume a forma e a função da pátria. Trata-se, neste último caso, de um movimento de regionalização que transforma a região em pátria [...]. (ARENDDT, 2010, p. 191).

Em última instância, a partir das análises realizadas ao longo do presente artigo, é perceptível a transformação de região em pátria nos três contos analisados da obra *No Galpão*, conforme o conceito proposto por

Arendt (2010, 2012). Por fim, os aspectos aqui apresentados indicam variadas possibilidades de abordagens. Investigações que proponham maior aprofundamento são válidas, assim promovendo o enriquecimento das áreas do conhecimento envolvidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, João Claudio. Do nacionalismo romântico à literatura regional: a região como pátria. *Revista da ANPOLL*, vol. 1, n. 28, 2010.

_____. Do outro lado do muro: regionalidades e regiões culturais. *RUA* [online]. Unicamp, vol. 2, n. 18, 2012.

AZAMBUJA, Darcy. *No galpão: contos gauchescos*. 7. ed. Porto Alegre: Globo, 1955.

_____. Especial para MPM Propaganda. In: _____. *Entrevero*. Porto Alegre: L&PM, 1984, p. 41. Disponível em: <http://www.releituras.com/dazambuja_menu.asp>. Acesso em: 15-05-2014.

BARCIA, Pedro Luis. Hacia un concepto de la literatura regional. In: CASTELLINO, Marta Elena; RIVERO, Gloria Videla de (Orgs.). *Literatura de las regiones argentinas*. Mendoza: Universidad Nacional Del Cuyo, 2004, p. 25-45.

CAMPBELL, Donna M. Regionalism and Local Color Fiction, 1865-1895. In: *Literary Movements*. Dept. of English, Washington State University, 2013. Disponível em: <<http://public.wsu.edu/~campbell/amlit/lcolor.html>>. Acesso em: 20-05-2014.

ENGELMANN, Fabiano. *Diversificação do espaço jurídico e lutas pela definição do direito no Rio Grande do Sul*. 2004. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MECKLENBURG, Norbert. *Regionalismo literário em tempos de globalização*. In: ARENDT, J. C.; NEUMANN, G. R. *Regionalismus – Regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: EDUCS, 2013.